

Introdução

Este livro aconteceu como tantas coisas da vida: por acaso. A descoberta de um manuscrito perdido dentro de uma arca numa cave deu-me a possibilidade de contacto com uma guerra estranha entre exércitos europeus no coração da selva africana, da qual apenas tinha ouvido falar em pequenos parágrafos nas histórias gerais. O manuscrito relatava a odisseia de um oficial numa coluna de dois mil soldados e carregadores pelo interior de Moçambique, recuperava histórias de batalhas ásperas entre portugueses e alemães, contava o desespero da sede, da fome e da exaustão provocada por marchas intermináveis e expunha com crueza a ruína moral de um exército mandado para África sem preparação, sem meios e sem comandos. A primeira leitura desse documento, que está nas mãos de um familiar, o coronel na reserva Armando Jacinto, deu origem a uma reportagem no *Público* do dia 18 de setembro de 2011.

A notícia de uma fila interminável de homens numa longa viagem de dois mil quilómetros pela mata de Moçambique suscitava uma série de perguntas para as quais havia poucas respostas e ainda assim respostas genéricas. A Primeira Guerra Mundial em Moçambique raramente deu origem a estudos profundos e visões transversais que permitissem uma leitura coerente e abrangente sobre o que aconteceu às quatro expedições e aos quase 20 mil portugueses que para lá foram enviados entre 1914 e 1918. As monografias existentes ou apresentam uma estrita visão militar, frequentemente contaminada pelo discurso nacionalista dos anos 30 e 40 do século passado, ou confinam-se a narrativas hagiográficas de alguns dos seus protagonistas. As exceções dos trabalhos do coronel Azambuja Martins, apesar de tudo mais

devotados à objetividade, eram insuficientes para tapar o buraco negro das histórias gerais.

Nas duas últimas décadas, uma maior atenção à história militar trouxe à luz do dia novos factos e novas interpretações sobre os acontecimentos em Moçambique. A aproximação da comemoração dos 100 anos da Grande Guerra alimentou o surgimento de algumas tentativas de produzir leituras mais amplas do conflito na fronteira que separa hoje Moçambique da Tanzânia, como a do jornalista Ricardo Marques no seu livro *O Fantasma do Rovuma*. Havia e há ainda assim um sem-número de dúvidas à procura de resposta. O desafio colocado pelo professor Gaspar Martins Pereira, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, para que as sondasse no âmbito do Seminário em História Contemporânea da licenciatura em História que estava a concluir acabou por desencadear uma curiosidade que me levou a quatro anos de pesquisas e de estudo até este livro.

Além de vasculhar as memórias dos soldados e oficiais, as monografias, os estudos, as bibliotecas e os arquivos em Lisboa ou em Maputo, tive possibilidade de fazer uma longa viagem de 2500 quilómetros pelo teatro da guerra, entre Moçambique e a Tanzânia, que trouxe um elemento crucial para este livro. Sentir na pele a inclemência do clima ou dos insetos, caminhar entre a selva hostil, conhecer os lugares das batalhas ou das travessias e entrevistar anciãos que conservaram os seus registos na tradição oral trouxeram à visão que fui construindo sobre a guerra em África uma dimensão da realidade enriquecedora. O resultado dessa viagem foi publicado numa série de 11 reportagens no jornal *Público* entre os dias 28 de julho e 7 de agosto de 2014, que acabaram por ser distinguidos com o Prémio Gazeta de Imprensa 2015.

Um trabalho destes implica necessariamente muitas centenas de horas de silêncio e solidão. Mas seria impossível levá-lo a cabo sem o apoio e o encorajamento de muitas pessoas às quais me cabe prestar aqui todas as vénias da gratidão. A começar pela excepcional ajuda e maravilhosa compreensão da Alexandra, da Francisca e da Maria. Os meus agradecimentos também aos professores Gaspar Martins Pereira e Conceição Meireles pelas suas indicações, mas também pelo desafio e incentivo; ao professor António Sopa, que com uma inexcusável dedicação e amizade me ajudou a descobrir informações cruciais no Arquivo Histórico de Moçambique; à Bárbara Reis e à Isabel Salema, que acarinham e editaram as reportagens em Moçambique; aos meus

companheiros e companheiras da redação do Porto do *Público* – as viagens de uns são sempre um caderno de encargos acrescido para os outros; ao Manuel Roberto, com quem partilhei a aventura pelos confins da selva africana; ao Carlos e à Leocádia Manessa, por tudo o que me concederam na estadia em Maputo; ao Manuel Tomé, pelas facilidades que nos propiciou nos contactos oficiais no norte de Moçambique; à Natália Fauvrelle, pela orientação metodológica na investigação e pelo inestimável auxílio no domínio da informática, do tratamento da informação e das citações bibliográficas; ao meu editor, pelas sugestões e pelo cuidado com que acolheu o meu trabalho; ao Fernando Rui Soares e à Dra. Teresa Araújo, por me confiarem as memórias inéditas dos seus antepassados; ao doutor Ricardo Varandas e ao general Joaquim Chito Rodrigues, da Liga dos Combatentes, pela amabilidade com que cederam fotografias inéditas para este trabalho; à Fundação Calouste Gulbenkian, na pessoa do seu presidente, Dr. Artur Santos Silva, pelo apoio à viagem a Moçambique.

Queria deixar uma palavra muito especial de agradecimento póstumo ao Miguel Gaspar, com quem discuti e alinhei ideias sobre este tema em muitas e apaixonadas conversas. O seu encorajamento para este trabalho foi inextinguível. A notícia da sua morte apanhou-me numa manhã tórrida no forte de Nevala, na Tanzânia, onde mil portugueses sofreram um cerco desesperado dos alemães em novembro de 1916. Teria gostado muito que o Miguel lesse este trabalho. A sua cultura, inteligência e amizade tê-lo-iam tornado certamente melhor.